

PROJETO REORGANIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Lino Castellani Filho*

RESUMO. O presente trabalho procura, primeiramente, conceituar a cultura corporal, integrante da cultura brasileira, como uma totalidade formada pela interação de distintas práticas sociais, como dança, jogos, ginástica e esportes, discutir sua inserção na Educação Física e refletir sobre as metodologias de ensino e as formas de avaliação. Finalmente, faz um comentário analítico das referências bibliográficas.

Palavras-chave: cultura corporal, socialização, jogos envolventes.

A PROJECT FOR REORGANIZING THE ELEMENTARY AND HIGH SCHOOL TRAJECTORY: A PEDAGOGICAL PROPOSAL FOR PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT. The aim of this paper is first to define body culture, a constituent of Brazilian culture, as a totality formed by the interaction of such different social practices as dancing, games, gymnastics and sports, discuss its insertion in Physical Education and reflect on the teaching methodologies and forms of evaluation. Finally, there follows an analytical comment made on the bibliographical references.

Key words: body culture, socialization, involving games.

EDUCAÇÃO FÍSICA E A CULTURA CORPORAL

Pensar uma proposta para a disciplina pedagógica Educação Física, visando à sua inserção no projeto **Reorganização da Trajetória Escolar no Ensino Fundamental: uma proposta pedagógica para a Educação Física**¹, requer que a percebamos, por um lado, como um componente curricular responsável

pela **apreensão** (no sentido da constatação, da demonstração, da compreensão e da explicação) de uma dimensão da realidade social, na qual o aluno está inserido, que denominamos **cultura corporal**, parte da cultura do homem e da mulher brasileiros. O desenvolver de tal capacidade de apreensão tem, por sua vez, a finalidade de vir a proporcionar a intervenção autônoma, crítica e criativa do aluno nessa dimensão de sua realidade social, de modo a

* Docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Sócio-Pesquisador do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE. Pesquisador do Instituto de Análises sobre o Desenvolvimento Econômico-Social - IADES. Membro dos Grupos de Estudo e Pesquisa "Lazer e Educação" e "Políticas Setoriais de Lazer" - FEF/Unicamp. Diretor da Associação dos Docentes da Unicamp - Adunicamp.

1 O mencionado projeto foi elaborado no início de 1996 por um conjunto de especialistas — o qual integrei, assumindo a responsabilidade pela área da Educação Física —, consultores da Fundação para o Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (FDE), com a intenção de recuperar a trajetória escolar de alunos em situação de defasagem, através da criação de classes que desenvolvessem uma proposta de aceleração (daí a expressão **classes de aceleração**) da aprendizagem que lhes possibilitassem avanços reais, reintegrando-os no percurso regular do ensino fundamental. Sua execução encontra-se em andamento sob a coordenação da FDE e da Secretaria de Estado da Educação. O projeto, em sua íntegra foi publicado pelos órgãos mencionados (tiragem de 2.500 exemplares), neles podendo ser localizado.

modificá-la, tornando-a qualitativamente distinta daquela existente.

Trocando em miúdos, o que queremos dizer é o seguinte: integrante da cultura do homem e da mulher brasileiros, a **cultura corporal** constitui-se como uma totalidade formada pela interação de distintas práticas sociais, tais como a **dança**, o **jogo**, a **ginástica**, o **esporte** que, por sua vez, materializam-se, ganham forma, através das práticas corporais. Enquanto práticas sociais, refletem a atividade produtiva humana de buscar respostas às suas necessidades. Compete, assim, à Educação Física dar tratamento pedagógico aos temas da cultura corporal, reconhecendo-os como dotados de significado e sentido porquanto construídos historicamente.

Se, aparentemente, tal compreensão parece tranqüila, ela não o é, de fato. Ao longo do tempo, vem predominando entendimento contrário, que lhe atribui a tarefa de responder pela melhoria da aptidão física da população brasileira, em geral, e dos educandos - quando falamos da escola - em particular. Já tive a oportunidade de explicar as razões que, a meu ver, fizeram por configurar uma Educação Física pedagogicamente balizada pelo parâmetro da **aptidão física**, como também explicitar todo o esforço desencadeado por profissionais que buscam estudá-la, desenvolvendo metodologias para o seu ensino a partir de parâmetros **histórico-sociais** que a desincompatibilizam dos códigos que, originários das instituições médica, militar e esportiva, descaracterizavam-na como prática pedagógica autônoma.

Por outro lado, dada a natureza do projeto em questão, evidencia-se a necessidade de a pensarmos como componente curricular privilegiado para a incorporação de princípios norteadores da ação pedagógica, tais como os mencionados nas considerações preliminares da proposta do projeto, quais sejam **mobilizar interesses, ativar a participação, valorizar os avanços, desafiar o pensamento, aceitar contribuições, melhorar a auto-estima, possibilitar acertos, instalar entusiasmo e confiança...**

Assim, optamos por ter o **esporte** como tema central da ação pedagógica. Por quê? Porque a propalada **esportivização** da Educação Física trouxe, como consequência, o fortalecimento de posturas equivocadas que levaram à sua

desconsideração como conteúdo dela. Não atentaram para o fato de que a **desesportivização** da Educação Física deve ser compreendida como uma crítica à mentalidade esportiva dominante na escola, responsável por vê-la como uma instituição mais do que adequada para vir atender aos objetivos próprios da instituição esportiva (em última instância, a otimização do rendimento físico-esportivo) e não como uma crítica ao esporte, prática social - portanto construção histórica - que, dada a significância com que marca a sua presença no mundo contemporâneo, apresenta-se como um dos seus mais relevantes fenômenos socioculturais.

Mas não só ele, **esporte**, merecerá nossa atenção. Também a **dança** e a **ginástica** deverão ser tematizadas pela disciplina pedagógica Educação Física. O reconhecimento das práticas constitutivas da cultura corporal, como práticas sociais, produzidas pela ação (trabalho) humana com vistas a atender determinadas necessidades sociais, leva-nos necessariamente a vivenciá-las tanto naquilo que possuem de **fazer** corporal, quanto na necessidade de se refletir sobre sua significância e propósito.

Se por si só motivadores, o esporte, a dança e a ginástica deverão estar envoltos numa embalagem tão ou mais motivadora, a **competição**, que servirá de eixo articulador do processo de tematização desses elementos da cultura corporal pela Educação Física. Também, aqui, queremos chamar a atenção para um outro equívoco: por presenciarmos, em nossa sociedade, via de regra, o prevalecer de um sentido de competição comprometido com os valores hegemônicos na sociedade, que fazem por exacerbá-la naquilo que possui de desumanizadora, nega-se a possibilidade de se olhar a competição como elemento passível de ser construído em outros patamares que não o existente, retirando-se, *a priori*, a possibilidade de tratá-la pedagogicamente. Tratamento pedagógico esse que venha nela particularizar o princípio do competir **com**, no lugar do competir **contra**; que contemple as diferenças sem camuflá-las, respeitando e valorizando-as igualmente. Dessa maneira, a competição esportiva presente no espaço escolar tende a distinguir-se daquela realizada em outros campos, pois deve estar comprometida com os objetivos da instituição escolar e não com os da instituição esportiva, tornando-se legitimamente possível falarmos do esporte **da** escola - e não **na** escola - da

competição esportiva **da escola** e não **do sistema esportivo** que, imiscuindo-se nas coisas da escola, a faz perseguir interesses outros que não os dela.²

Bem... a esta altura, muitos poderão estar se sentindo desqualificados para tratar pedagogicamente os temas da cultura corporal da forma enunciada. Esporte, dança, ginástica são conteúdos, por si só, de difícil trato. Ainda mais privilegiando uma dinâmica que tem como eixo a **competição**, tudo isso vinculado ao desafio de serem tratados a partir de pressupostos pouco comuns, distantes do tradicionalmente conhecido e hegemonicamente dominante. Por fim – podem estar pensando – ainda há o agravante de não ser o professor especialista aquele que estará presente nessas classes de aceleração. Engraçado é que aquilo que, num primeiro instante, pode ser visto como obstáculo, tem lá suas vantagens. Vejamos: se é verdade que o professor ou professora de classe não está instrumentalizado(a) teoricamente para tratar os conteúdos da cultura corporal como aqui defendemos, também o é que os especialistas, embora em tese melhor qualificados para a tarefa, em sua maioria encontram-se preparados para lidar pedagogicamente com os temas da cultura corporal, a partir do eixo da competição, na direção aqui explicitada como aquela da qual pretendemos nos afastar. Mesmo assim, poderíamos argumentar que o domínio do conteúdo, em si mesmo considerado, é uma referência de ponto de partida mais aceitável do que nenhum conhecimento sobre o assunto. Se isso é verdade, também o é que os professores e as professoras de classe conhecem mais a dinâmica escolar de 1º Grau, notadamente da 1ª a 4ª série, do que os especialistas.

Há não muito tempo atrás, escrevi uma historinha, a qual chamei **Jogos Internos**.³ Nela traço linhas que, ao serem desenvolvidas, desencadeiam a possibilidade de desenvolvermos nos alunos a competência de

perceberem-se dotados de uma cultura corporal repleta de significações, ao mesmo tempo que, ao envolvê-los nas ações nela propostas, valermos-nos da enorme capacidade de sociabilização inerente àquele universo lúdico-esportivo. Vejamo-la:

...Uma olhadela para a folhinha pendurada na parede foi o bastante para que aquela sensação de ‘friozinho’ na barriga se manifestasse. A tensão era grande. Durante meses, todas as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física giraram em torno dos preparativos para a competição que agora se avizinhava.

Como que num piscar d’olhos, vieram à cabeça de Marcos cenas daqueles dias. Logo cedo, o correr na busca de um melhor condicionamento físico. Depois, e isso se repetiu por intermináveis dias, horas a fio, o trabalho com bola, na busca do aprimoramento técnico. Interessante, refletia ele, como o ‘jogar bola’, de que ele tanto gostava, havia se tornado, ao longo daqueles dias, algo maçante, chato mesmo. O prazer de brincar com a bola, acariciá-la com os pés, cabeça, peito, havia cedido espaço à repetição exaustiva, mecânica, de ‘chutes a gol’ na busca de um rendimento esportivo, de uma melhor ‘performance’, que o fazia sentir-se como uma máquina, sem emoções, robotizando seus movimentos, estereotipando-os, vinculando-os aos padrões ‘normais’, cerceando sua capacidade de movimentar-se livre e criativamente.

Algo, porém, o incomodava. Não sabia bem o quê. Apenas sentia ser alguma coisa relacionada com a tristeza presente no olhar de Carlos, ansioso por jogar mas que, por não o saber, não havia encontrado lugar na equipe e, assim como a maioria, buscava conformar-se em ser mero espectador.

2 Tal compreensão do papel da competição esportiva escolar, aqui defendido, reflete entendimento antagônico àquele adotado até o presente momento por esta mesma rede de ensino, por ela explicitado na normatização vigente voltada para a Educação Física (vide Resolução SE- 275/93), como também em práticas administrativas adotadas por Delegacias de Ensino, que levam em conta a participação de escolas, sob sua jurisdição, nos jogos escolares oficiais promovidos em parceria com a Secretaria de Esportes e Turismo, chegando ao extremo de considerar a ordem de classificação por elas obtida como critério de distribuição de material escolar esportivo.

3 Publicada pela **Revista Motrivivência**, Ano 1, (1), Jan/1989.

Mas ainda não era tudo. Incomodava-o também a sensação de participar de uma competição promovida na e pela sua escola, sem conhecer sequer os procedimentos adotados em sua organização. Era como se o vissem incapaz de organizar alguma coisa.

Por que, pensava ele, nos nossos jogos, não pude me envolver, em nenhum momento, em seus preparativos, apenas cabendo-me o papel de... treinar, treinar, treinar, como que se todo o resto não me dissesse respeito? Ah! Que bom seria se... E assim pensando, adormeceu ... e sonhou... Sonhou que todos na escola estavam não só se preparando para os jogos, mas também – e com que alegria – preparando os Jogos. Para começar, na primeira reunião convocada por ele mesmo para debaterem o assunto, tinham decidido que naqueles Jogos, todos os alunos jogariam. Trataram, depois, de encontrar uma maneira de concretizar tal intenção, de forma a preservar o prazer de jogar tanto para aquele que o sabia fazer bem, quanto para aquele outro que o fazia não tão bem ou mesmo mal.

— Ora, mas eu só sou bom em futebol. Não sei jogar voleibol muito bem e no basquete então, mal consigo ‘caminhar’ na quadra, falou Pedro, o ‘Pedrinho’, questionando a viabilidade de concretização da decisão.

— Pois então, disse Roberto, o ‘Betinho’, você ensina futebol pra quem tiver dificuldade em praticá-lo e, por sua vez, outros o ensinarão a jogar volei e basquete! Afinal, concluiu ele, é de interesse da turma que todos se saiam bem, pois será o esforço de todos que garantirá o sucesso de nossa turma, não é pessoal?

E assim ficou combinado. E após essa definição, fazia-se necessário encontrar um sistema de competição que melhor se ajustasse à situação existente: instalações e materiais esportivos, dias suficientes para a competição, número de equipes participantes...

— Puxa! Exclamou Marcos. Quanta coisa pra resolver!

Mas o engraçado era que, apesar de saber ter pela frente muito trabalho, sentia-se bem disposto. Aqueles eram realmente os seus Jogos! Os Jogos de todos da escola! Sim, porque era

evidente que a presença dos professores também era necessária, pois havia muitos conhecimentos de ordem técnica que eles desconheciam. Sistemas de competição, por exemplo. Mas se era verdade que não os conheciam, também o era que eram capazes de passarem a conhecê-los.

— Incrível! Como é gratificante saber-se capaz, pensou Marcos. E tinha mais... De repente era-lhe clara a possibilidade de redefinirem as regras do jogo. Elas não eram ‘pra sempre’, pô! Eles poderiam elaborar outras que mais se ajustassem àquela competição... Por que não?

E ainda mais... tinham que se decidir pela sistemática de arbitragem dos jogos e ... ora, mas quem diria que isso pudesse ser possível? Até checar a hipótese de não ter juízes! Quem estivesse jogando assumiria o compromisso de respeitar as regras do jogo, que por sinal, ajudariam a elaborar, falou Carlos, aquele mesmo que, lá no início, estava triste por ter que se contentar em assistir aos Jogos...

— Puxa vida! gritou Pedro, não conseguindo conter seu entusiasmo. Nunca poderia imaginar que pra organizar Jogos em nossa escola era preciso fazer tanta coisa!

— Mas nós vamos fazê-lo, né pessoal? perguntou afirmativamente Marcos. E foi assim, maravilhado com aquela constatação, que despertou de seu sono e de seu sonho...

Os Jogos daquele ano correram conforme o tradicionalmente previsto. Por isso, ninguém conseguia entender aquele sorriso que Marcos trazia em seus lábios, dando a seu rosto uma feição de felicidade pra todos injustificável. É que somente ele sabia que aqueles tinham sido os últimos Jogos de sua escola realizados daquela maneira!

REFLEXÕES ACERCA DA METODOLOGIA DE ENSINO

Não! Ninguém aqui está sugerindo que, a partir deste projeto, envolvamos a escola toda numa grande competição escolar centrada nos procedimentos e valores enunciados ao

longo da história que acabam de ler! Trata-se, isto sim, de nos darmos conta das possibilidades concretas de lidarmos — nos limites próprios àqueles das classes de aceleração — com elementos da cultura corporal integrantes do cotidiano de nossos alunos e alunas, de modo a permitir-lhes interagir com eles não na condição de consumidores passivos de “mercadorias” produzidas pela indústria cultural corporal-esportiva, mas sim como sujeitos capazes de construir, de forma participativa, crítica e criativa, seus próprios processos de incorporação, em suas vidas, de parte daquilo presente no universo dessa dimensão cultural.

Pela forma apontada, o aprender a jogar essa ou aquela modalidade esportiva, a dançar ou a movimentar-se ginasticamente de modo não associado à busca do rendimento físico-esportivo (mas sim percebendo a técnica como conhecimento historicamente produzido e o movimento humano ali presente, necessário de ser apreendido para além de sua condição de ato motor), o aprender das regras esportivas (percebendo-as enquanto construções socioculturais modificáveis a partir do desenvolvimento científico-tecnológico), o qualificar-se para implementar procedimentos organizacionais de suas próprias competições esportivas, tudo isso, enfim, comporia unidades programáticas a serem desenvolvidas.

A esta altura, muitos poderão estar imaginando quão difícil será desenvolver tais unidades programáticas. Calma! A coisa não é tão complicada quanto aparenta ser! Que tal pegarmos carona com a historinha acima para buscarmos entender como lidar com todos esses conteúdos programáticos? Peguemos a questão da competição. O que precisamos saber para implementá-la? Podemos começar fazendo um levantamento do que temos de **recursos**... De quais **espaços** e **equipamentos esportivos** dispomos? Quais suas condições de uso? Quais **modalidades esportivas** poderiam ser desenvolvidas? E quanto ao **pessoal**... quantas pessoas estariam passíveis de se envolverem na organização e realização da competição? E dinheiro? De que **recursos financeiros** disporíamos? Nenhum? E aí? A falta de reais é obstáculo intransponível à realização dos jogos?

Como transpô-lo? E o **tempo**? Quanto teríamos? Só finais de semana? Algumas manhãs e tardes? Isso tudo resolvido, qual **sistema de competição** melhor se enquadraria nas condições concretas existentes? Campeonato? Em qual variação? Rodízio simples, duplo, em séries... ou torneio? Em qual variante? Eliminatória simples ou dupla? Por que não a da consolação?

Peguemos um outro aspecto inerente à implementação de uma competição esportiva. **Divulgação**. Como fazer com que os atletas fiquem sabendo do dia, hora e local de seus jogos? E o restante da comunidade escolar, como avisá-la? Temos que pensar num boletim informativo. Como elaborá-lo? Precisaremos de uma **comissão de divulgação**. Que outras comissões se farão necessárias? **Técnica**? Sim, pois haverá a necessidade de estabelecermos uma dinâmica que incorpore a idéia de que todos deverão jogar, sem que isso venha a desconsiderar o nível técnico: quem joga sabe o quanto é ruim jogar com colegas situados em patamares distintos de domínio do fazer esportivo. Em contrapartida, homogeneizar as equipes, colocando-as em “divisões”, não poderá significar que quem estiver na divisão **b** seja inferior ao da **a**. Como fazê-lo? Simples, nada complicado, veremos.

O importante é que não percamos de vista a idéia de que **técnica** é conhecimento e como tal, deve estar presente no horizonte pedagógico da Educação Física e não como atributo de rendimento esportivo, como contumazmente acontece. Será que um aluno que sabe jogar determinada modalidade esportiva não é capaz de ajudar um colega a fazê-lo? Vejam... tudo isso é conhecimento que tradicionalmente é de domínio exclusivo do professor. É dele a responsabilidade de decidir por esse ou aquele sistema de competição, essas ou aquelas modalidades esportivas, pelo tempo do evento. Aos alunos compete... competir, assumir o papel único de atletas, deixando todos os procedimentos organizacionais sob os ombros do professor. **Propomos enfaticamente, o fim dessa concepção pedagógica**. Doravante, desejamos que todo o conhecimento necessário à organização de um evento esportivo seja entendido como patrimônio da cultura corporal a

ser estendida ao acervo cultural dos alunos, de modo a permitir-lhes autonomia na realização de suas competições esportivas. Mais do que isso, perceberem-se capazes de realizarem seus jogos, ainda que não automática e mecanicamente, farão com que eles se sintam confiantes e sensíveis à possibilidade de chamarem para si a tarefa de resolução dos seus problemas, de todos eles, não só aqueles restritos ao universo esportivo.

Mas não só do **fazer esportivo** se constitui a cultura corporal. Como vincularmos a uma competição escolar iniciativas que também levem em conta a necessidade de refletirmos sobre tudo aquilo que nela se faça presente? Mostras de vídeo esportivo? Painéis, debates com atletas profissionais, técnicos, professores de Educação Física, pesquisadores em ciências do esporte? Por que não? Mas por que não formarmos uma outra comissão com a atribuição de propor uma programação a ser seguida no decorrer dos jogos? Grupos de Ginástica (de solo, rítmica, de aparelhos, por que não?) e de dança (popular, moderna, regional...) poderiam ser constituídos. Tudo isso, e muito mais, é possível, e sua concretização estará subordinada à capacidade mobilizadora que o trabalho pedagógico puder alcançar, pois o importante é que se tenha claro que tudo o que foi até agora proposto tem, no professor, o sujeito desencadeador que vê, em seu aluno, um parceiro na tomada de decisões e não uma dócil criança a ser adestrada.

REFLETINDO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE AVALIAÇÃO

Falarmos de avaliação em Educação Física não é tarefa fácil, se desejarmos extrapolar os limites impostos pelo parâmetro da aptidão física, até hoje vigente em nosso país – pelo menos enquanto normatização. Por ele, como a melhoria da aptidão física é o objetivo a ser alcançado pela Educação Física, delimitavam-se as intenções de avaliação à esfera do aquilatar a contribuição da atividade física no desenvolver da resistência orgânica dos alunos, muitas das vezes - ao ser contribuição checada na perspectiva do grau de rendimento físico e esportivo - desenvolvido através da atividade corporal.

Entendemos que, na direção da superação da forma de entendimento construído a partir do parâmetro mencionado, podemos pensar em, basicamente, dois níveis de avaliação. O primeiro deles, diz respeito à observância do **grau de acervo corporal do aluno**, vale dizer, ao grau de apropriação por ele obtido, das diferentes formas de se movimentar, proporcionadas tanto pelas modalidades esportivas quanto no referente às outras atividades corporais. Não se trata - sempre é bom repetir - de avaliar *performance*, mas sim buscar saber se, e em quanto, o acervo corporal do aluno sofreu modificações. Trata-se mesmo de, em se sabendo dos seus limites no início dos trabalhos, observarmos a significância dos avanços obtidos ao final dos mesmos.

O segundo, refere-se ao **grau de apreensão do significado histórico-social dos elementos da cultura corporal**, por parte do aluno. Nele buscamos avaliar sua compreensão acerca dos valores ético-políticos que formam e informam a nossa cultura corporal. Notem que em ambos os níveis de avaliação, primamos por atentar para o **desenvolvimento** do aluno e não para o seu **desempenho**. Vincula-se a essa compreensão de avaliação, a preocupação de estarmos atentos à maneira pela qual o **processo de sociabilização**, motivado pela dinâmica pedagógica adotada, desencadeia-se. Depreende-se, assim, estarmos nos referindo à avaliação do **processo ensino-aprendizagem**, no qual a avaliação do aluno é apenas um dos componentes, não mais ou menos importante que os demais.

Como horizonte a ser alcançado pelos alunos, no que se relaciona ao desenvolvimento de suas capacidades de apreensão da realidade social complexa, temos como referência — dada a faixa etária em que se situam, a especificidade desse componente curricular frente aos demais e a particularidade do processo de escolarização a eles pertinente – a configuração de um salto qualitativo que os situem nas linhas limítrofes dos campos dos **ciclos de iniciação à sistematização do conhecimento e de ampliação da sistematização do conhecimento**.

No primeiro deles (*Ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento*), o aluno vai adquirindo a consciência de sua atividade mental, confrontando os dados da realidade com as

representações do seu pensamento sobre eles. Começa a estabelecer nexos, dependências e relações complexas, representados no conceito e no real aparente. Estabelece o salto qualitativo para o próximo ciclo (de ampliação da sistematização do conhecimento) ao se fixar generalizações. Nesse ciclo, amplia as referências conceituais do seu pensamento, tomando consciência da atividade teórica, ou seja, de que as operações mentais exigem a sua reconstituição na imaginação, com o fim de atingir sua expressão discursiva, vale dizer, a leitura teórica da realidade. Qualifica-se para o próximo ciclo (de aprofundamento da sistematização do conhecimento), ao dar conta da reorganização da identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico - propriedade da teoria.

Exemplos concretos de como isso se dá na disciplina Educação Física, ao tematizar as práticas sociais componentes da cultura corporal, tratando-as pedagogicamente, serão objetos de nossas atenções em texto que se sucederá a este. Por hora, fiquemos abertos à possibilidade de olharmos para a disciplina pedagógica Educação Física, com os olhos de quem a percebe integrada a um determinado processo pedagógico de um determinado projeto educacional, centrados em parâmetros histórico-sociais.

COMENTANDO AS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As idéias contidas neste texto fundamentam-se em livros e artigos publicados, em sua maioria, a partir da segunda metade dos anos 80, quando passamos a viver no interior da Educação Física, um momento de anúncio do **novo**, daquele que surge não pela pura e simples eliminação do velho, mas sim pela sua apreensão e subsequente superação.

Assim, podemos nos referir, hoje, a um quadro de **Teorias da Educação Física** no qual localizamos concepções pedagógicas que, no concernente à questão da **metodologia do ensino**, podem ser agrupadas em **não-propositivas** e **propositivas**, dentro das quais localizamos aquelas **não-sistematizadas** e as **sistematizadas**. Quanto às **não-propositivas**, encontramos as abordagens **Fenomenológica** (representada pelos professores Silvino Santin e Wagner Wey Moreira),

Sociológica (representada pelo professor Mauro Betti) e **Cultural** (representada pelo professor Jocimar Daólio). Em comum, abordam a Educação Física escolar sem, contudo, estabelecerem metodologias para o seu ensino. No campo das **propositivas não-sistematizadas**, deparamo-nos com as concepções **desenvolvimentista** (representada pelo professor Go Tani), **construtivista** (representada pelo professor João Batista Freire), **crítico-emancipatória** (representada pelo professor Elenor Kunz) e uma outra, originária da **abordagem Cultural**, recém-batizada pelo seu representante de **Plural**. Todas essas apontam para uma configuração de Educação Física escolar, porém sem sistematizarem-na metodologicamente.

Por fim, no universo das **propositivas sistematizadas**, encontramos aquela que centra sua ação pedagógica no eixo paradigmático da **aptidão física** e uma outra, que nos serve de referência para este trabalho, chamada **crítico-superadora**.

Falamos de **Cultura Corporal** nos termos presentes no trabalho publicado pela editora Cortez, em primeira edição datada de 1992 e, em segunda, de 1994, sob o título de **Metodologia do Ensino de Educação Física**, assinado por Carmen Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Micheli Escobar, Valter Bracht e por nós. A nosso critério, resumimos da seguinte forma a proposta nele contida:

- a) pautamo-nos no Materialismo Histórico Dialético, enquanto método de análise da realidade;
- b) a concepção pelo coletivo denominada de **crítico-superadora**, situa-se dentre as teorias críticas da educação, tendo-se como referência, o quadro das Concepções Filosóficas da Educação, elaborado por Saviani;
- c) **crítico-superadora** porque tem a concepção histórico-crítica como ponto de partida. Assim como ela, entende ser o **conhecimento** elemento de mediação entre o aluno e seu apreender (no sentido já explicitado). Porém, diferentemente dela, privilegia uma dinâmica curricular que valoriza, na constituição do processo pedagógico, a interação dos diversos elementos (trato do conhecimento, tempo e espaço pedagógicos,

normatização...) e segmentos sociais (professores, funcionários, alunos e seus pais, comunidade e órgãos da administração...);

- d) a **Educação Física**, disciplina pedagógica, tem como objeto de estudo temas inerentes à Cultura Corporal, os mesmos que, historicamente, a vêm compondo: *Jogo, Ginástica, Dança, Esporte*. Não se localiza aí, contudo, a distinção dessa concepção com as demais, mas sim na forma proposta de tratamento pedagógico desses conteúdos, como apontamos no texto;
- e) preconiza uma outra estrutura para o processo de escolarização, centrada na idéia de **Ciclos de Escolarização**. Para facilitar o trânsito de um modelo seriado para o de Ciclos, estabelece-se uma relação entre os modelos, ficando o mesmo assim configurado:
- 1º *Ciclo* (Pré-Escola à 3ª série): **Ciclo de Organização da identificação dos dados da realidade;**
 - 2º *Ciclo* (4ª à 6ª série): **Ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento;**
 - 3º *Ciclo* (7ª à 8ª série): **Ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento;**
 - 4º *Ciclo* (1ª à 3ª série - Ensino Médio): **Ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento;**
- f) defende o prevalecer da **Diretividade Pedagógica** (no sentido difundido por George Snyders). Cabe ao professor explicitar *a priori* a intencionalidade de sua ação pedagógica, pois ela não é neutra. Ao contrário, é **Diagnóstica** (parte de uma “leitura”/interpretação da realidade, de uma determinada forma de estar no mundo), **Judicativa** (estabelece juízo de valor) e **Teleológica** (é “ensopada” de metas, de fins a alcançar). Tal ação pedagógica tem, no conhecimento sobre a realidade, manifesta pelo aluno, o seu ponto de partida. Como seu horizonte de trabalho pedagógico, tem o de qualificar o conhecimento do aluno sobre aquela mesma realidade - no sentido de dotá-lo de maior complexidade -, de tal forma que ela, Realidade, é a mesma... e é diferente!;
- g) privilegia a avaliação do processo ensino-aprendizagem.

As razões que fizeram por traduzir uma Educação Física pedagogicamente centrada no parâmetro da aptidão física, além dos esforços de profissionais da área para desincompatibilizarem-na dos códigos originários das instituições médica, militar e esportiva, foram por nós analisados, em 2 artigos: Pelos meandros da Educação Física (RBCE, nº 14(3), 1993) e Considerações a respeito do conhecimento (re)conhecido pela Educação Física escolar (Revista Paulista de Educação Física: USP, suplemento nº 1, 1995). Antes deles, também já nos debruçamos sobre o assunto em livro publicado pelo Ministério da Educação, em 1988, sob o título **Educação Física - Projeto Diretrizes Gerais para o ensino de 2º Grau - Núcleo Comum**, como também em outro, do mesmo ano, publicado pela *Papirus*, hoje em sua 4ª edição, denominado **Educação Física no Brasil: A História que não se conta**. Também o professor Valter Bracht, em artigo publicado pela **Revista da Fundação de Esporte e Turismo do Paraná** (ano 1(2), Curitiba, 1989), intitulado Educação Física: a busca da autonomia pedagógica, trata do tema. Já em 1983, Bracht publicava no nº 9(3) da **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, o artigo Educação Física Escolar como campo de vivência social, ambos os artigos compilados ao lado de outros no livro **Educação Física e aprendizagem social**, publicado pela editora Magister, de Porto Alegre, no ano de 1992. Já as professoras Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel e Micheli Escobar tiveram publicado (na Coletânea organizada por Wagner Wey Moreira denominada **Educação Física e Esportes - Perspectivas para o Século XXI**, no mesmo ano da publicação do Livro Metodologia do Ensino da Educação Física de Bracht, *et al.* - conhecido como Coletivo de Autores -, já mencionado neste texto), o artigo **A Educação Física Escolar na perspectiva do Século XXI**. Quanto ao tema competição esportiva, no sentido de instrumento de sociabilização dos educandos, reportamo-nos a um livro publicado no Brasil em 1979 pela EDUSP, do educador francês Auguste Listello, sob o título **Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer** que corrobora, junto com os demais textos aqui citados, a concepção pedagógica orientadora desta proposta.

Listamos a seguir, as referências bibliográficas acima comentadas assim como outras que, embora não caminhem necessariamente na direção apontada por este trabalho, situam-se no horizonte das concepções pedagógicas localizadas na Educação Física brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- _____. Ensino de 1º e 2º graus: Educação Física para quê? In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, CBCE**. 13 (12): 282-287, 1992.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRACHT, Valter, *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. Educação Física: A busca da autonomia pedagógica. In **Revista da Fundação de Esporte e Turismo do Paraná, Curitiba**. Ano 1 (2): 12, 1989.
- CASTELLANI FILHO, Lino. Considerações a respeito do conhecimento (re)conhecido pela Educação Física escolar. In **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo: USP. 1:10-17, 1995.
- _____. **Educação Física no Brasil: A História que não se conta**. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. Pelos meandros da Educação Física. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, CBCE**. 14 (3): 119-125, 1993.
- _____. **Educação Física - Projeto Diretrizes gerais para o ensino de 2º grau - Núcleo Comum**. Brasília: MEC, 1988.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. Educação Física Escolar: Uma abordagem cultural. In Piccolo, Vilma Lení (org.) **Educação Física Escolar: Ser...ou não ter?** Campinas: UNICAMP. 49-57, 1993.
- Educação Física Escolar: a busca da relevância. In Piccolo, Vilma Lení (org.) **Educação Física Escolar: Ser... ou não ter?** Campinas: Unicamp. 15-25, 1993.
- FREIRE, João Batista. **De corpo e alma: O discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.
- _____. **Educação de corpo inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- GALLARDO, Jorge Sergio Perez. Proposta de uma linha de Ginástica para a Educação Física Escolar. In Piccolo, Vilma Lení (org.) **Educação Física Escolar: Ser... ou não ter?** Campinas: UNICAMP, 117-129, 1993.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física e pedagogia: a questão dos conteúdos**. Santa Maria: UFSM, 1990.
- HILDEBRANDT, Reiner. Experiência: Uma Categoria Central na Teoria Didática das Aulas Abertas. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, CBCE**. 14(3): 140-145, 1993.
- _____. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- LISTELLO, Auguste. **Educação pelas atividades físicas**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Problemática da Educação Física escolar. Pedagogia para as séries iniciais. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, CBCE**. 11(1): 30-35, 1989.
- MOREIRA, Wagner Wey. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. In Moreira, Wagner Wey (org.) **Educação Física e Esportes - Perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus. 199-210, 1992.
- SANTIN, Silvino. **Educação Física: outros caminhos**. Porto Alegre: EST, 1990.
- _____. **Educação Física: temas pedagógicos**. Porto Alegre: EST/ESEF, 1992.
- SOARES, Carmen; ESCOBAR, Micheli & TAFFAREL, Celi. A Educação Física escolar na perspectiva do século XXI. In Moreira, Wagner Wey (org.) **Educação Física e Esportes - Perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus. 211-224, 1992.
- SOARES, Carmen. Fundamentos da Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: 71 (6): 51-68, 1990.
- _____. A Educação Física no ensino de 1º grau: do acessório ao essencial. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, CBCE**. 7 (3): 89-92, 1986.
- TAFFAREL, Celi. **Criatividade nas aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- TANNI, Go *et al.* **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU - EDUSP, 1988.